

História da Geografia e Geografia Histórica: À procura dos híbridos

David Palacios e Marcelo Werner da Silva



Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/terrabrasilis/602>

DOI: 10.4000/terrabrasilis.602

ISSN: 2316-7793

Editora

Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

Referência eletrónica

David Palacios e Marcelo Werner da Silva, «História da Geografia e Geografia Histórica: À procura dos híbridos», *Terra Brasilis* [Online], 1 | 2012, posto online no dia 08 novembro 2012, consultado o 05 dezembro 2022. URL: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/602> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.602>

Este documento foi criado de forma automática no dia 5 dezembro 2022.

All rights reserved

História da Geografia e Geografia Histórica: À procura dos híbridos

David Palacios e Marcelo Werner da Silva

- 1 Este primeiro número da Nova Série da *Terra Brasilis – Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica* apresenta as potencialidades da nossa área de trabalho e a amplitude e versatilidade do leque das nossas preocupações híbridas. Os artigos que apresentamos à continuação misturam em formas diferentes história do pensamento geográfico, história da cartografia, história do ensino da geografia, história das instituições geográficas, geografia histórica, história urbana e história territorial.

Completando a sua terceira participação na revista, corresponde à pesquisadora argentina Carla Lois (UBA-CONICET) inaugurar esta Nova Série com seu –sem dúvida polêmico– artigo “‘La patria es una e indivisible’: Los modos de narrar la historia territorial de la Argentina”. Neste trabalho, a autora contrasta o discurso oficial e escolar argentino que apresenta a história territorial do país como uma série de perdas ou “mutilações” com respeito ao território “original” do Vice-Reino do Rio da Prata, com a prática oposta de “expansão cartográfica” por meio da adição oficial de territórios ao mapa nacional. Assim, a autora destaca três momentos de intervenção cartográfica radical por parte do Estado: a adição da Patagônia pelo general Roca no final do XIX; a adição da “Antártida Argentina” durante o primeiro governo peronista; e a adição das Malvinas, durante o governo militar dos anos 80, três momentos marcados por, usando as palavras da autora, “situações militares”, situações que estiveram acompanhadas de processos de normatização cartográfica. Uma lei de 2010, no caso, obriga o uso nas escolas do “Mapa Bicontinental da Argentina”, que deve mostrar a porção antártica reclamada por este país *na mesma escala* em que apresenta o território continental americano argentino. Para a autora, semelhante normatização da cartografia congela e limita as possibilidades da representação cartográfica.

No seu artigo “A Geografia e o estudo do passado”, Marcelo Werner, coeditor deste número 1, propõe, com base nas ideias de Milton Santos sobre a materialidade geográfica do tempo, uma metodologia de aproximação das questões de geografia

histórica que, mediante a organização das sucessões e as coexistências temporais em recortes definidos e considerando a "empiricização do tempo" impulsada pelas técnicas, procura estabelecer e analisar séries de articulações espaçotemporais.

O artigo de Federico Ferretti, "Cartografia e educação popular", publicado em francês e em português, trata da constituição do Museu Cartográfico da Cidade de Genebra, aberto de 1907 a 1922 com base nos 10.000 itens das coleções cartográficas de Élisée Reclus e Charles Perron – cartógrafo da *Nova Geografia Universal* e durante muito tempo o principal colaborador de Reclus em matérias cartográficas. Tanto Reclus quanto Perron, assim como outros geógrafos e cartógrafos do seu círculo, militavam intensamente no movimento anarquista internacional e tinham vivas preocupações pedagógicas. Para eles, a carta plana, sobretudo quando esta cobre grandes superfícies, falseia a realidade e gera nas crianças ideias erradas sobre a verdadeira forma do mundo, pelo qual propõem o uso massivo de globos e mapas tridimensionais nas escolas, chegando a inventar para tanto uma técnica para produzir mapas metálicos curvos chamados "discos globulares".

A questão da escala aparece assim de novo neste número, associada por Reclus e Perron à questão do relevo, muito cara para eles pelos mesmos motivos "realistas". Para Reclus e Perron, a estratégia cartográfica comumente utilizada tanto em perfis feitos em papel quanto em modelos tridimensionais e que consiste em exagerar as altitudes com o fim de fazer a topografia perceptível, constitui também um falseamento da realidade: para eles um modelo verdadeiro da superfície da Terra ou de parte dela deve conservar, tanto na dimensão horizontal quanto na vertical, uma única e mesma escala, o qual exige, para que o relevo seja perceptível, a construção de modelos de grande tamanho.

Este é o tema do documento incluído na seção *Clássicos e textos de referência* deste número 1 e que acompanha o artigo de Federico Ferretti: uma palestra intitulada "Sobre relevos e mapas esféricos" oferecida por Élisée Reclus na Royal Geographical Society de Londres no ano de 1903, na qual apresenta seus princípios cartográficos e seus desenvolvimentos em cartografia tridimensional. Esta palestra foi seguida de uma discussão entre o autor e colegas como Mackinder e Kropotkin, em que a norma reclusiana da escala única para as dimensões horizontal e vertical é posta a prova.

O trabalho de Artur Monteiro Leitão Júnior, denominado "As Imagens do Sertão na Literatura Nacional", apresenta uma bem estruturada análise da formação territorial brasileira vista a partir de grandes autores da literatura nacional, como Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, José Lins do Rego e Jorge Amado, contribuindo para uma maior entendimento das possibilidades de utilização da literatura para o conhecimento do território nacional e da formação territorial brasileira.

O artigo de Jörn Seemann "Friedrich Ratzel entre Tradições e Traduções" contribui a renovar as nossas apreciações sobre a obra e o pensamento deste autor à luz de pesquisas recentemente desenvolvidas por diferentes autores, da leitura de textos pouco conhecidos de Ratzel (em alemão, o que tem sido uma das grandes dificuldades na apreciação da sua obra) e de uma abordagem contextual que considera o entorno das diferentes etapas da sua carreira. Encontramos aqui um Ratzel polifacético e sofisticado, e até com um lado voluntarista, em contraste com imagem tradicional que

temos dele como um geógrafo básica e simplesmente determinista e inspirador do facismo. Seemann enfoca a viagem de Ratzel aos Estados Unidos (1873-1875) para compreender a origem de alguns conceitos importantes e pouco conhecidos deste autor.

Neste número 1 consta também uma merecida homenagem ao geógrafo Maurício de Almeida Abreu, grande nome da Geografia Histórica Brasileira, falecido o ano passado. Publicamos a análise realizada por Beatriz Bueno –sendo esta a sua segunda colaboração com a revista– da obra magistral deste autor *Geografia Histórica do Rio de Janeiro (1502-1700)*, que foi apresentada durante o lançamento do livro em São Paulo, ocorrido no Instituto de Estudos Brasileiros da USP.

Na seção da revista intitulada *Documentos, mapas e imagens* contamos com o artigo de Chet Van Duzer titulado “Detalhes, data e significado do quinto exemplar do mapa em gomos globulares de Waldseemüller recentemente descoberto na Biblioteca da Universidade de Munique”. Este mapa-múndi, cujo desenho em gomos possibilita a sua montagem em forma de globo, é verdadeiramente especial. Só eram conhecidos até agora quatro exemplares, todos de 1507 –um deles recentemente leilado pela casa Christie's em mais de um milhão de dólares. Este quinto exemplar recentemente descoberto é tanto mais especial dadas as suas diferenças com os quatro restantes, sendo as principais o largo das bordas dos gomos, a forma de Cuba, a forma de Madagascar e a presença de uma linha indicadora do diâmetro do globo para facilitar a sua montagem. Estas diferenças com respeito aos outros exemplares indicam para o autor que o novo mapa é posterior a 1507, assim como o fato do topônimo “América” denominar o Novo Mundo indica que sua publicação é anterior a 1513, ano em que o termo desaparece dos mapas de Waldseemüller.

Fechando este primeiro número da Nova Série da revista Terra Brasilis, na seção dedicada a *Resenhas* de livros, encontra-se a colaboração de Héctor Mendoza Vargas (a sua terceira na revista) que aborda o livro *Leitores de mapas: dois séculos de história da cartografia em Portugal*, editado por Francisco Roque de Oliveira como parte dos materiais que acompanharam o IV Simpósio Ibero-Americano de História da Cartografia –evento irmão da RedeBrasilis, realizado em setembro deste ano na cidade de Lisboa. Este livro, que complementou aliás uma exposição sob o mesmo título aberta na Biblioteca Nacional de Portugal durante os dias do evento, traça mediante biografias curtas de cartógrafos a história desta ciência em Portugal desde finais do século XVIII até o fim do século XX.

Esperamos com muita emoção que estes resultados do trabalho conjunto da RedeBrasilis sejam do agrado do público e que contribuam verdadeiramente ao avanço dos conhecimentos em história da geografia e geografia histórica.

David Palacios
Doutorando (DG/USP)

Marcelo Wener da Silva
Professor (DG/UFF - Campos dos Goytacazes)

Editores convidados do número 1

AUTORES

DAVID PALACIOS

Doutorando DG/USP

MARCELO WERNER DA SILVA

Professor DG/UFF - Campos dos Goytacazes